



Jornada  
Mundial  
dos Pobres



SEMPRE  
TEREIS POBRES  
ENTRE VÓS  
MC 14,7

# SENTES COMPAIXÃO?

V JORNADA MUNDIAL DOS POBRES

# EXPEDIENTE

## **COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A AÇÃO SOCIOTRANSFORMADORA DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB) E 6ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA**

St. de Embaixadas Sul - Asa Sul, Brasília - DF, 70297-400

Fone: (62) 3223-1854

E-mail: [psocial@cnbb.org.br](mailto:psocial@cnbb.org.br)

## **COORDENAÇÃO DA JMP 2021**

Dom José Valdeci Santos Mendes, bispo de Brejo (MA) e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora da CNBB

Frei Olávio Dotto, assessor das Pastorais Sociais da CNBB

Alessandra Miranda, secretária executiva da 6ª Semana Social Brasileira

## **EQUIPE EXECUTIVA DA JMP 2021**

### **Cáritas Brasileira**

Cristina dos Anjos

Neuza Mafra

Rodolfo Santana

### **Pastoral Carcerária**

Rosilda Ribeiro Rodrigues Salomão

### **Pastoral da Mulher Marginalizada**

Fabrcia Paes

### **Pastoral do Povo de Rua**

Ivone Perassa

### **Pastoral Operária**

Jardel Neves Lopes

### **Conselho Pastoral dos Pescadores**

Ormezita Barbosa

### **Conselho Nacional do Laicato do Brasil**

Sonia Gomes de Oliveira

Patrícia Cabral

### **Serviço Pastoral dos Migrantes**

Maria Ozânia da Silva

José Roberto Saraiva dos Santos

### **Signis Brasil**

Geizom Sokacheski

Osnilda Lima

Jorge Teles

### **Pascom Brasil**

Marcus Tullius

### **Setor de Comunicação CNBB**

Manuela de Oliveira

William Bonfim

### **Setor de Campanhas CNBB**

Padre Patriky Samuel Batista

### **Setor da Mobilidade Humana da CNBB**

Irmã Claudina Scapini

### **Conferência dos Religiosos do Brasil**

Irmã Maria Luiza da Silva

Irmã Valdiza dos Santos Carvalho

### **6ª Semana Social Brasileira**

Alessandra Miranda

Osnilda Lima

### **Identidade visual**

Flávio Medeiros e Mateus Leal

### **Projeto gráfico e diagramação**

Mateus Leal

### **Arte da capa**

Sérgio Ricciuto Conte



**Jornada  
Mundial  
dos Pobres**



CNBB

# SUMÁRIO INTERATIVO

**APRESENTAÇÃO**

**MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO  
PARA O V DIA MUNDIAL DOS POBRES**

**TEMPO PARA DISCERNIR, ESCOLHER**

**TEMPO PARA FAZER**

**AÇÕES TRANSFORMADORAS**

**CALENDÁRIO DE AÇÕES NACIONAIS DA JMP2021**



clique no tema para acessar o conteúdo desejado

# APRESENTAÇÃO

**H**á cinco anos, a Igreja do mundo inteiro é convidada a celebrar o *Dia Mundial dos Pobres*, instituído pelo papa Francisco, em 20 de novembro de 2016, na conclusão do Ano Santo Extraordinário da Misericórdia. A ação convida a comunidade cristã e as pessoas de boa vontade a estarem com as pessoas escutando, tocando, refletindo, rezando e agindo, diante da situação de empobrecimento.

No Brasil, adotou-se a realização de uma *Jornada Mundial dos Pobres*, ao invés da celebração somente de um dia, o *Dia Mundial dos Pobres*, a ser celebrado no 14 de novembro. Também a partir de reflexão e construção coletiva, escolheu-se um tema: “**Sentes compaixão?**”, um convite a não sermos indiferentes frente ao sofrimento das pessoas em situação de vulnerabilidade e à crescente pobreza socioeconômica que assola mais 51,9 milhões de brasileiros e brasileiras. O lema bíblico que inspira a celebração, indicado pelo papa Francisco: “Sempre tereis pobres entre vós”, extraído de Mc. 14, 7.

A *V Jornada Mundial dos Pobres* será marcada, no país, por uma série de ações que **serão iniciadas no 14 de setembro e serão encerradas no dia 14 de novembro de 2021.**

Em um trecho da mensagem deste ano, o papa Francisco faz votos que o *Dia Mundial dos Pobres*, em nosso caso a *Jornada Mundial dos Pobres*, ao chegar à sua quinta celebração, “possa radicar-se cada vez mais nas nossas



# 51,9

**milhões de  
pessoas em  
situação de  
pobreza**

Igrejas locais e abrir-se a um movimento de evangelização que, em primeira instância, encontre os pobres lá onde estão. Não podemos ficar à espera que batam à nossa porta; é urgente ir ter com eles às suas casas, aos hospitais e casas de assistência, à estrada e aos cantos escuros onde, por vezes, se escondem, aos centros de refúgio e de acolhimento... É importante compreender como se sentem, o que estão a passar e quais os desejos que têm no coração”, afirma o papa.

### **Pobres sempre os tereis entre vós**



*É verdade que pobres sempre teremos entre nós. Esse fato, no entanto, não nos deve conduzir à indiferença, justificada por discursos algumas vezes até bem elaborados como foi o do traidor*



Dom Joel Portella Amado\*

“Sempre tereis pobres entre vós” (Mc 14, 7). É com esta frase de Jesus, diante da reação de alguns a um gesto de carinho e solidariedade de uma mulher anônima, que o Papa Francisco nos convida a celebrar mais uma Jornada Mundial dos Pobres. Já se vão cinco anos em, no mês de novembro, somos convidados a uma atitude que deve nos marcar diariamente, sem interrupção: a prática do amor, da caridade, da solidariedade, como resposta à indiferença diante do sofrimento alheio.



**laço  
indivisível  
que existe  
entre Jesus,  
os pobres e  
o anúncio do  
Evangelho”**

Quando, porém, nos deparamos com a afirmativa de Jesus a respeito da existência dos pobres (Mc 14,7), afirmativa destacada pelo Papa, podemos ficar com a impressão de que, sendo a pobreza uma realidade interminável, inextinguível, não precisamos nos esforçar por sua superação e, desse modo, estaremos justificados. Para o que não tem remédio, costumamos dizer, remediado está.

Entretanto, uma conclusão desse tipo, pode justificar a inércia diante do sofrimento alheio, a alimentar a indiferença e o egoísmo. Tal atitude não pode ser aceita. A ação de Jesus e a iniciativa do papa Francisco de propor a Jornada Mundial dos Pobres não deve nos colocar numa atitude de justificativa da pobreza e consequente isenção do compromisso solidário. Quem assim concluir estará na mesma situação do Iscariotes (Jo 12,4-6), situação comparável à que Jesus indicou para outro grupo daquele tempo: um coração cheio de podridão (Mt 23,27-28), embora as palavras até possam dar a impressão de fazerem sentido.

Em sua mensagem para a Jornada deste ano, o Papa Francisco nos recorda o “laço indivisível que existe entre Jesus, os pobres e o anúncio do Evangelho” (Mensagem, nº 2). A mulher do trecho evangélico escolhido pelo Santo Padre não teve sequer seu nome registrado e, de acordo com Jesus, isso não era o mais importante. Interessava o gesto feito (Mc 14,9). Vão-se os nomes, desaparece a fama; fica, porém, a atitude. E essa é uma lembrança fundamental num tempo em que corremos o risco de avaliar o sentido da vida através da fama virtualmente obtida, um tempo em que influenciar adquire



conotações até mesmo opostas ao que a anônima de Betânia fez. Conforme nos recorda o Santo Padre, ao manifestar um gesto de carinho e atenção a Jesus, em antecipação à sua morte, aquela mulher o fez a todos aqueles com quem Jesus se identifica (Mt 25,40). Fez o que efetivamente vale a pena fazer.

Anônima, mulher, possivelmente gente simples e, quem sabe, até mesmo pecadora, nem por isso ela se omitiu em se solidarizar. Sua atitude nos remete aos dias atuais em que, diante das sequelas da pandemia, com, por exemplo, a fome atingindo um número crescente de pessoas, os mais pobres e simples costumam manifestar sua solidariedade. Diante dos crescentes índices da insegurança alimentar, vemos, com a graça de Deus, entrarem em cena também a generosidade e a capacidade de compartilhar e ajudar. **Aquela mulher nada falou, nada publicou, nada disseminou. Apenas agiu e, com seu exemplo, permanece nos questionando, tantos e tantos séculos depois.**

É verdade que pobres sempre teremos entre nós. Esse fato, no entanto, não nos deve conduzir à indiferença, justificada por discursos algumas vezes até bem elaborados como foi o do traidor. Ao contrário, exatamente ao contrário, a presença dos pobres é um alerta para não baixarmos a guarda, para não nos distanciarmos da caridade, tenha ela o nome e a forma que desejarmos e pudermos. Os pobres, diz-nos o Papa, “permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai” (Mensagem, nº 2). “O Evangelho de Cristo, continua o Papa, impele a ter uma



atenção muito particular para com os pobres e requer que se reconheça as múltiplas, demasiadas, formas de desordem moral e social que sempre geram novas formas de pobreza” (Mensagem, nº 5). Mais, portanto, do que nos cansarmos ou, pior ainda, nos justificarmos, somos impulsionados a responder com generosidade, criatividade e solidariedade.

Feliz e abençoada celebração da 5ª Jornada Mundial dos Pobres. Que ela seja estímulo para fazer com que todos os dias sejam tempo propício para amar a Jesus nas pessoas que Ele ama.



\* **Dom Joel Portella Amado**, bispo auxiliar do Rio de Janeiro (RJ) e secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

# TEMPO PARA VER

*Como encarar as pandemias ocultas deste mundo: as guerras em várias partes do mundo, o tráfico de armas, os refugiados que vivem na pobreza, com fome e sem oportunidades, as mudanças climáticas, os **3,7 milhões** de pessoas que morreram por causa da fome nos primeiros quatro meses deste ano?.*

*O convite é **ver** com os olhos da compaixão e da solidariedade.*

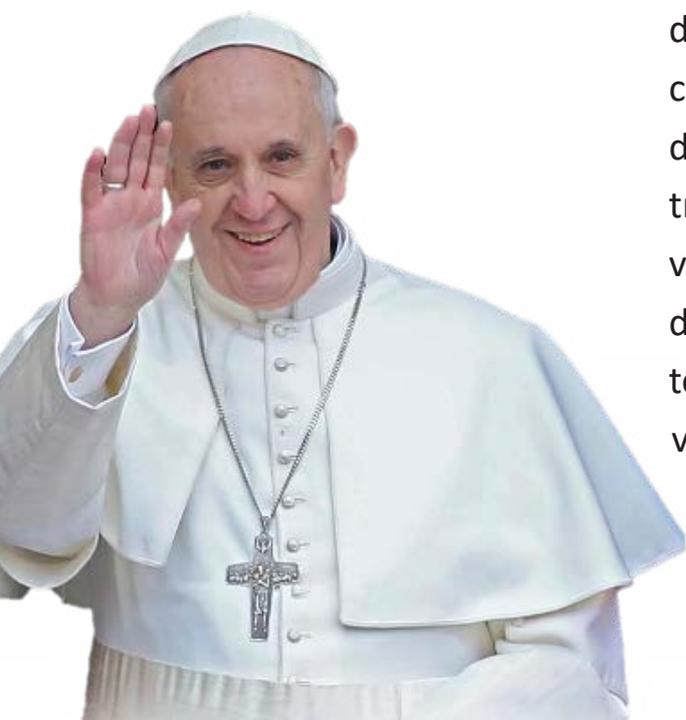


# MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O V DIA MUNDIAL DOS POBRES

(33º Domingo do Tempo  
Comum – 14 de novembro  
de 2021)

“Sempre tereis  
pobres entre vós”

(Mc 14, 7)



1

“Sempre tereis pobres entre vós”: Estas palavras foram pronunciadas por Jesus, alguns dias antes da Páscoa, por ocasião duma refeição em Betânia na casa de Simão chamado “o leproso”. Como narra o evangelista, entrou lá uma mulher com um vaso de alabastro cheio de perfume muito precioso e derramou-o sobre a cabeça de Jesus. Este gesto suscitou grande estupefação e deu origem a duas interpretações diversas.

A primeira delas é a indignação de alguns dos presentes, incluindo os discípulos, que, ao considerar o valor do perfume (cerca de 300 denários, equivalente ao salário anual dum trabalhador), pensam que teria sido melhor vendê-lo e dar o produto aos pobres. Segundo o Evangelho de João, é Judas que se faz intérprete desta posição: “Porque é que não se vendeu este perfume por trezentos denários, para os dar aos pobres?”. E o evangelista observa: “Ele, porém, disse isto, não porque se

preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa do dinheiro, tirava o que nela se deitava” (Jo 12, 5-6). Não é por acaso que esta crítica dura sai da boca do traidor: é a prova de que, quantos não reconhecem os pobres, atraíam o ensinamento de Jesus e não podem ser seus discípulos. Recordemos, a este propósito, as palavras fortes de Orígenes: “Judas, aparentemente, estava preocupado com os pobres. (...) Se, agora, ainda houver alguém que tem a bolsa da Igreja e fala a favor dos pobres como Judas, mas depois tira o que metem lá dentro, então tenha parte juntamente com Judas” (*Comentário ao Evangelho de Mateus 11, 9*).

A segunda interpretação é dada pelo próprio Jesus e permite individuar o sentido profundo do gesto realizado pela mulher. Diz Ele: “Deixai-a. Porque estais a atormentá-la? Praticou em Mim uma boa ação” (Mc 14, 6). Jesus sabe que está próxima a sua morte e vê, naquele gesto, a antecipação da unção do seu corpo sem vida antes de ser colocado no sepulcro. Esta visão ultrapassa todas as expectativas dos convivas. Jesus recorda-lhes que Ele é o primeiro pobre, o mais pobre entre os pobres, porque os representa a todos. E é também em nome dos pobres, das pessoas abandonadas, marginalizadas e discriminadas que o Filho de Deus aceita o gesto daquela mulher. Esta, com a sua sensibilidade feminina, demonstra ser a única que compreendeu o estado de espírito do Senhor. Esta mulher anónima – talvez por isso destinada a representar todo o universo feminino que, no decurso dos séculos, não terá voz e sofrerá violências –, inaugura a significativa presença de mulheres que participam no momento culminante da vida de Cristo: a sua crucifixão, morte e sepultura e a sua aparição como Ressuscitado. As mulheres, tantas vezes discriminadas e mantidas ao largo dos postos de responsabilidade, nas páginas do Evangelho são, pelo contrário, protagonistas na história da revelação. E é eloquente a frase conclusiva de Jesus, que associa esta mulher à grande missão evangelizadora: “Em verdade vos digo: em qualquer parte do mundo onde for proclamado o Evangelho, há de contar-se também, em sua memória, o que ela fez” (Mc 14, 9).



2

Esta forte “empatia” entre Jesus e a mulher e o modo como Ele interpreta a sua unção, em contraste com a visão escandalizada de Judas e doutros, inauguram um fecundo caminho de reflexão sobre o laço indivisível que existe entre Jesus, os pobres e o anúncio do Evangelho.

Com efeito, o rosto de Deus que Ele revela é o de um Pai para os pobres e próximo dos pobres. Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto duma fatalidade, mas sinal concreto da sua presença no nosso meio. Não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-Lo na vida dos pobres, na sua tribulação e indigência, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver. Não me canso de repetir que os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a ser evangelizados e chamados a partilhar a bem-aventurança do Senhor e o seu Reino (cf. *Mt 5, 3*).

*Os pobres* de qualquer condição e latitude *evangelizam-nos*, porque permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai. Eles “têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma *atenção* prestada ao outro, considerando-o como um só consigo mesmo. Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo de procurar efetivamente o seu bem” (Papa Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 198-199).

### 3

Jesus não só está do lado dos pobres, mas também *partilha com eles a mesma sorte*. Isto constitui também um forte ensinamento para os seus discípulos de todos os tempos. As suas palavras – “sempre tereis pobres entre vós” – pretendem indicar também isto: a sua presença no meio de nós é constante, mas não deve induzir àquela habitude que se torna indiferença, mas empenhar numa partilha de vida que não prevê delegações. Os pobres não são pessoas “externas” à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes ser devolvida a dignidade perdida e garantida a necessária inclusão social. Aliás, sabe-se que um gesto de beneficência pressupõe um benfeitor e um beneficiado, enquanto a partilha gera fraternidade. A esmola é ocasional, ao passo que a partilha é duradoura. A primeira corre o risco de gratificar quem a dá e humilhar quem a recebe, enquanto a segunda reforça a solidariedade e cria as premissas necessárias para se alcançar a justiça. Enfim os crentes, quando querem ver Jesus em pessoa e tocá-Lo com a mão, sabem aonde dirigir-se: os pobres são sacramento de Cristo, representam a sua pessoa e apontam para Ele.

Temos muitos exemplos de Santos e Santas que fizeram da partilha com os pobres o seu projeto de vida. Penso, entre outros, no Padre Damião de Veuster, Santo apóstolo dos leprosos. Com grande generosidade, respondeu à vocação de ir para a ilha de Molokai – tinha-se tornado um gueto acessível apenas aos leprosos –, a fim de viver e morrer com eles. Lançando-se ao trabalho, tudo fez para tornar digna de ser vivida a existência daqueles pobres doentes e marginalizados, reduzidos à degradação extrema. Fez-se médico e enfermeiro, sem se preocupar com os riscos que corria, levando a luz do amor àquela «colónia de morte», como era designada a ilha. A lepra atingiu-o também a ele, sinal duma partilha total com os irmãos e irmãs pelos quais dera a vida. O seu testemunho é muito atual nestes nossos dias, marcados pela pandemia de

coronavírus: com certeza a graça de Deus está em ação no coração de muitas pessoas que, sem dar nas vistas, se gastam concretamente partilhando a sorte dos mais pobres.

## 4

Por isso precisamos de aderir com plena convicção ao convite do Senhor: “Converti-vos e acreditai no Evangelho” (*Mc 1, 15*). Esta *conversão* consiste, primeiro, em abrir o nosso coração para reconhecer as múltiplas expressões de pobreza e, depois, em manifestar o Reino de Deus através dum estilo de vida coerente com a fé que professamos. Com frequência, os pobres são considerados como pessoas aparte, como uma categoria que requer um serviço caritativo especial. Seguir Jesus comporta uma mudança de mentalidade a esse propósito, ou seja, acolher o desafio da partilha e da participação. Tornar-se seu discípulo implica a opção de não acumular tesouros na terra, que dão a ilusão duma segurança em realidade frágil e efémera; ao contrário, requer disponibilidade para se libertar de todos os vínculos que impedem de alcançar a verdadeira felicidade e bem-aventurança, para reconhecer aquilo que é duradouro e que nada e ninguém pode destruir (cf. *Mt 6, 19-20*).

Mas o ensinamento de Jesus aparece em contracorrente também neste caso, porque promete aquilo que só os olhos da fé podem ver e experimentar com certeza absoluta: “Todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna” (*Mt 19, 29*). Se não se optar por tornar-se pobre de riquezas efémeras, poder mundano e vanglória, nunca será capaz de dar a vida por amor; viver-se-á uma existência fragmentária, cheia de bons propósitos mas ineficaz para transformar o mundo. Trata-se, portanto, de abrir-se decididamente à graça de Cristo, que pode tornar-nos testemunhas da sua caridade sem limites e restituir credibilidade à nossa presença no mundo.



5

O Evangelho de Cristo impele a ter uma atenção muito particular para com os pobres e requer que se reconheça as múltiplas, demasiadas, formas de desordem moral e social que sempre geram *novas formas de pobreza*. Parece ganhar terreno a concessão segundo a qual os pobres não só são responsáveis pela sua condição, mas constituem também um peso intolerável para um sistema económico que coloca no centro o interesse de algumas categorias privilegiadas. Um mercado que ignora ou discrimina os princípios éticos cria condições desumanas que se abatem sobre pessoas que já vivem em condições precárias. Deste modo assiste-se à criação incessante de armadilhas novas da miséria e da exclusão, produzidas por agentes económicos e financeiros sem escrúpulos, desprovidos de sentido humanitário e responsabilidade social.

Além disso, no ano passado, veio juntar-se outra praga que multiplicou ainda mais o número dos pobres: a pandemia. Esta continua a bater à porta de milhões de pessoas e, mesmo quando não traz consigo o sofrimento e a morte, todavia é portadora de pobreza. Os pobres têm aumentado desmesuradamente e o mesmo, infelizmente, continuará a verificar-se ainda nos próximos meses. Alguns países estão a sofrer gravíssimas consequências devido à pandemia, a ponto de as pessoas mais vulneráveis se encontrarem privadas de bens de primeira necessidade. As longas filas diante das cantinas para os pobres são o sinal palpável deste agravamento. Um olhar atento requer que se encontrem as soluções mais idóneas para combater o vírus a nível mundial, sem olhar a interesses de parte. De modo particular, é urgente dar respostas concretas a quantos padecem o desemprego, que atinge de maneira dramática tantos pais de família, mulheres e jovens. A solidariedade social e a generosidade de que muitos, graças a Deus, são capazes, juntamente com projetos clarividentes de promoção humana, estão a dar e darão um contributo muito importante nesta conjuntura.

## 6

Entretanto permanece de pé uma questão, nada óbvia: Como se pode dar uma resposta palpável aos milhões de pobres que tantas vezes, como resposta, só encontram a indiferença, quando não a aversão? Qual caminho de justiça é necessário percorrer para que as desigualdades sociais possam ser superadas e seja restituída a dignidade humana tão frequentemente espezinhada? Um estilo de vida individualista é cúmplice na geração da pobreza e, muitas vezes, descarrega sobre os pobres toda a responsabilidade da sua condição. Mas a pobreza não é fruto do destino; é consequência do egoísmo. Portanto é decisivo dar vida a *processos de desenvolvimento* onde se valorizem *as capacidades de todos*, para que a complementaridade das competências e a diversidade das funções conduzam a um recurso comum de participação. Há muitas pobresas dos “ricos” que poderiam ser curadas pela riqueza dos “pobres”, bastando para isso encontrarem-se e conhecerem-se. Ninguém é tão pobre que não possa dar algo de si na reciprocidade. Os pobres não podem ser aqueles que apenas recebem; devem ser colocados em condição de poder dar, porque sabem bem como corresponder. Quantos exemplos de partilha diante dos nossos olhos! Os pobres ensinam-nos frequentemente a solidariedade e a partilha. É verdade que são pessoas a quem falta *algo* e por vezes até *muito*, se não mesmo o *necessário*; mas não falta *tudo*, porque conservam a dignidade de filhos de Deus que nada e ninguém lhes pode tirar.

## 7

Impõe-se, pois, *uma abordagem diferente da pobreza*. É um desafio que os governos e as instituições mundiais precisam de perfilhar, com um modelo social clarividente, capaz de enfrentar as novas formas de pobreza que invadem o mundo e marcarão de maneira decisiva as próximas décadas. Se os pobres

são colocados à margem, como se fossem os culpados da sua condição, então o próprio conceito de democracia é posto em crise e fracassa toda e qualquer política social. Com grande humildade, temos de confessar que muitas vezes não passamos de incompetentes a respeito dos pobres: fala-se deles em abstrato, fica-se pelas estatísticas e pensa-se sensibilizar com qualquer documentário. Ao contrário, a pobreza deveria incitar a uma projeção criativa, que permita fazer aumentar a liberdade efetiva de conseguir realizar a existência com as capacidades próprias de cada pessoa. Pensar que a posse de dinheiro consinta e aumente a liberdade é uma ilusão de que devemos afastar-nos. Servir eficazmente os pobres incita à ação e permite encontrar as formas mais adequadas para levantar e promover esta parte da humanidade, demasiadas vezes anónima e sem voz, mas que em si mesma traz impresso o rosto do Salvador que pede ajuda.



## 8

“Sempre tereis pobres entre vós” (*Mc 14, 7*): é um convite a não perder jamais de vista a oportunidade que se nos oferece para fazer o bem. Como pano de fundo, pode-se vislumbrar o antigo mandamento bíblico: “Se houver junto de ti um indigente entre os teus irmãos (...), não endurecerás o teu coração e não fecharás a tua mão ao irmão necessitado. Abre-lhe a tua mão, empresta-lhe sob penhor, de acordo com a sua necessidade, aquilo que lhe faltar. (...) Deves dar-lhe, sem que o teu coração fique pesaroso; porque, em recompensa disso, o Senhor, teu Deus, te abençoará em todas as empresas das tuas mãos. Sem dúvida, nunca faltarão pobres na terra” (*Dt 15, 7-8.10-11*). E no mesmo cumprimento de onda se coloca o apóstolo Paulo, quando exorta os cristãos das suas comunidades a socorrer os pobres da primeira comunidade de Jerusalém e a fazê-lo “sem tristeza nem constrangimento, pois Deus ama quem dá com alegria” (*2 Cor 9, 7*). Não se trata de serenar a nossa consciência dando qualquer esmola, mas antes contrastar a cultura da indiferença e da injustiça com que se olha os pobres.

Neste ponto, faz-nos bem recordar as palavras de São João Crisóstomo: “Quem é generoso não deve pedir contas do comportamento, mas somente melhorar a condição de pobreza e satisfazer a necessidade. O pobre só tem uma defesa: a sua pobreza e a condição de necessidade em que se encontra. Não lhe peças mais nada; mesmo que fosse o homem mais malvado do mundo, se lhe vier a faltar o alimento necessário, libertemo-lo da fome. (...) O homem misericordioso é um porto para quem está em necessidade: o porto acolhe e liberta do perigo todos os naufragos, sejam eles malfeitores, bons ou como forem. Aos que se encontram em perigo, o porto acolhe-os, coloca-os em segurança dentro da sua enseada. Também tu, portanto, quando vês por terra um homem que sofreu o naufrágio da pobreza, não o julgues, nem lhe peças conta do seu comportamento, mas liberta-o da desventura” (*Discursos sobre o pobre Lázaro*, II, 5).

## 9

É decisivo aumentar a sensibilidade para se compreender as exigências dos pobres, sempre em mutação por força das condições de vida. Com efeito, nas áreas economicamente mais desenvolvidas do mundo, está-se menos predisposto hoje que no passado a confrontar-se com a pobreza. O estado de relativo bem-estar ao qual se habituaram torna mais difícil aceitar sacrifícios e privações. Está-se pronto a tudo só para não ficar privado daquilo que foi fruto de fácil conquista. Deste modo, cai-se em formas de rancor, nervosismo espasmódico, reivindicações que levam ao medo, à angústia e, nalguns casos, à violência. Este não é o critério sobre o qual construir o futuro; também estas são formas de pobreza, para as quais não se pode deixar de olhar. Devemos estar abertos a ler os sinais dos tempos que exprimem novas modalidades de ser evangelizadores no mundo contemporâneo. A assistência imediata para acorrer às necessidades dos pobres não deve impedir de ser clarividente para

atuar novos sinais do amor e da caridade cristã como resposta às novas pobreza que experimenta a humanidade de hoje.

Faço votos de que o *Dia Mundial dos Pobres*, chegado já à sua quinta celebração, possa radicar-se cada vez mais nas nossas Igrejas locais e abrir-se a um movimento de evangelização que, em primeira instância, encontre os pobres lá onde estão. Não podemos ficar à espera que batam à nossa porta; é urgente ir ter com eles às suas casas, aos hospitais e casas de assistência, à estrada e aos cantos escuros onde, por vezes, se escondem, aos centros de refúgio e de acolhimento... É importante compreender como se sentem, o que estão a passar e quais os desejos que têm no coração. Façamos nossas as palavras inflamadas do Padre Primo Mazzolari: “Gostaria de pedir-vos para não me perguntardes *se existem pobres, quem são e quantos são*, porque tenho receio que tais perguntas representem uma distração ou o pretexto para escapar duma específica indicação da consciência e do coração. (...) Os pobres, eu nunca os contei, porque não se podem contar: os pobres abraçam-se, não se contam” (Revista *Adesso*, n.º 7, 15 de abril de 1949). Os pobres estão no meio de nós. Como seria evangélico, se pudéssemos dizer com toda a verdade: também nós somos pobres, porque só assim conseguiríamos realmente reconhecê-los e fazê-los tornar-se parte da nossa vida e instrumento de salvação.

Roma, São João de Latrão, na Memória de Santo António,  
13 de junho de 2021.

**Francisco**



## **VAMOS CONVERSAR?**

- 1. Como sonhar em meio a tantas crises?**
- 2. O que valorizamos, o que queremos,  
o que buscamos e com quem buscamos?**
- 3. Como chegamos até aqui e com quem chegamos?**
- 4. Como assumimos a vida em comunidade?  
Como cuidamos daqueles e daquelas que mais  
sofreram nesta pandemia?**
- 5. Qual o essencial da mensagem do papa Francisco  
para cada um de nós?**





# TEMPO PARA DISCERNIR, ESCOLHER



*Quando a Igreja fala da opção preferencial pelos pobres, quer dizer que sempre levará em conta o impacto sobre os pobres nas decisões que tomamos. Significa que devemos colocar o pobre no centro de nosso modo de pensar”*

***Padre Alfredo José Gonçalves, Alfredinho\****

Em lugar de seguir de perto a mensagem do papa Francisco para a Jornada Mundial dos Pobres (JMP) deste ano, a ser realizada em 14 de novembro, com o lema “Sempre tereis pobres entre vós” – minha intenção é apresentar os quatro aspectos vitais que costumam estar presentes em todas as mensagens e declarações do atual pontífice, ao tratar da causa dos pobres e “descartáveis”: Olhar de pastor, abordagem humano-divina, as dimensões da pastoral social e a prática de Jesus

## **O olhar de pastor**

Tomo como ponto de partida uma imagem comum no coração de São Paulo, a maior e mais rica cidade do país. Com o aumento crescente da população em situação de rua, várias Igrejas e outras entidades se converteram em pontos de distribuição da chamada “quentinha” (marmita) ou da cesta básica. No contexto da pandemia e do desemprego, do trabalho informal e do abando-

no das políticas públicas, a prática não configura mero assistencialismo, e sim caso de vida ou morte. Evidente que semelhante realidade se repete por todas as capitais e outras cidades do país e do mundo.

***Somente o alimento que é fruto do suor do trabalho e do emprego estável confere dignidade à pessoa humana.***

Nas enormes filas para entrega da marmita ou da cesta básica, é frequente ver idosos, adultos, jovens, mulheres, crianças e, não raro, famílias inteiras. São pessoas tristes e abatidas: ombros encurvados, joelhos vergados e olhos no chão. Têm energia e braços fortes para o trabalho, mas o novo coronavírus e a economia globalizada os excluiu de qualquer oportunidade. A vergonha as impede de nos encarar de frente. A verdade é que o pão que vem da caridade pública (para não dizer da “esmola”) costuma ser regado com as lágrimas da vergonha. Somente o alimento que é fruto do suor do trabalho e do emprego estável confere dignidade à pessoa humana.

Difícil estender a mão à caridade, quando não falta força e vontade de trabalhar. Tomara jamais fossem submetidos de isso, e tomara nós jamais tivéssemos de desempenhar tal tarefa. Esse cenário é um dos sintomas da tragédia que se abateu sobre o mundo inteiro, mas de forma toda particular com o Brasil. Devido a isso, a maneira de o Santo Padre falar e escrever dos pobres e excluídos tem a marca da compaixão evangélica. Ao tentar resgatá-las da pobreza e da vergonha, procura igualmente trazê-las para o centro da sua solicitude pastoral. Como verdadeiro pastor, procura mostrar a importância de que os pobres possam levantar a cabeça, recuperar a dignidade e caminhar com os próprios pés. O Papa os vê com os olhos misericordiosos e compassivos de Deus, nome de pai e coração de mãe, para quem todos são filhos e filhas. Somente dessa forma, a multidão dos “descartáveis”, em vez de vítimas pisoteadas e exploradas, podem se tornar sujeitos e protagonistas do próprio destino.

## Uma abordagem humano-divina

Ao se referir aos pobres em suas palavras e escritos, o Papa Francisco não deixa de se ater aos números, estatísticas, tabelas e gráficos. Conhece bem o aumento progressivo tanto da concentração de renda e riqueza quanto da exclusão social. E sabe a relevância de uma análise fundamentada em fatos e dados reais. Tem sempre mostrado o valor da contribuição interdisciplinar, com a convergência dos distintos enfoques. Mas não é essa a sua abordagem predileta. Para além da matemática econômica e dos conceitos sociológicos, o pontífice nos alerta para o fato de que por trás de cada número, existe um rosto, um nome e sobrenome, uma história e uma família.

De algumas décadas até os dias de hoje, porém, os rostos da pobreza e da violência se tornaram praticamente invisíveis, os nomes desconhecidos, as histórias ignoradas e as famílias desmanteladas. O quadro da pandemia e do desemprego escancarou e agravou ainda mais a desigualdade socioeconômica. O pequeno grupo de 1% da população, no mundo e pior ainda no Brasil, detém ao redor de 50% da riqueza produzida. A chamada emergência sanitária acabou por dar maior visibilidade a uma população que habitava os porões e periferias da sociedade. Não poucos brasileiros, por exemplo, descobriram um Brasil que não conheciam. Vale o mesmo para outros países no mundo inteiro. Ficou patente o esgotamento do sistema capitalista de produção.



***O pequeno grupo de 1% da população, no mundo e pior ainda no Brasil, detém ao redor de 50% da riqueza produzida.***

Entra em cena, novamente, a solicitude do pastor. O Papa Francisco, nos dias atuais, é praticamente a única “celebridade” que levanta a voz sobre “uma economia que exclui, descarta e mata”; sobre a “globalização da indiferença”; e sobre a necessidade de uma “cultura do encontro, do diálogo e da solidariedade”. Profeta e porta-voz dos náufragos do mediterrâneo, dos refugiados que tiveram negada uma pátria, expatriados devido à posição religiosa, política ou ideológica. **Uma pergunta que não quer calar: como dar vez e voz à gigantesca multidão dos “sem”: sem-terra, sem-teto, sem trabalho?** E que por isso mesmo, em toda parte encontram as portas fechadas! Resgatar a dignidade da pessoa é conhecer a fundo seu rosto, seu nome e sobrenome, sua história turbulenta e sua família, alargando esta última para todos os povos, culturas e nações.

## As dimensões da pastoral social

Toda e qualquer pastoral social é constituída por duas dimensões indissociáveis: a cruz coletiva e a cruz individual daquela “porção do povo de Deus” à qual é chamada à tarefa da evangelização. Ambas constituem face e contraface da mesma moeda. Ocorre que muitas vezes atuamos como uma espécie de pêndulo, ou seja, vamos de um extremo a outro do espectro social. Num determinado período carregamos o acento sobre o lado coletivo da travessia humana. Neste caso, a atenção se volta para os pobres, a classe trabalhadora, os migrantes e refugiados, os indígenas ou afro-americanos, as crianças, as comunidades quilombolas, os encarcerados, e assim por diante. Bem entendido, nada contra nessa abordagem geral das problemáticas. O problema é quando isso esconde ou deixa de lado a face individual e/ou familiar.

A cruz coletiva e a cruz individual se mesclam, se fundem, se entrelaçam e se agravam reciprocamente. Além de se ater à condição da mulher e do feminicídio, por exemplo, é preciso prestar atenção à Joana, mãe solteira e desempregada, com dois ou três filhos menores para cuidar; à Florinda, forçada a esconder dos próprios parentes e familiares os seus hematomas para não

piorar as coisas; à Rita de Cássia, professora ou enfermeira, a qual, para serviços iguais ao dos companheiros de trabalho, ganha salário inferior!... A visão generalizada da floresta, embora importante, não pode impedir uma identificação mais séria e profunda de cada espécie de planta.

**A cruz coletiva é constituída por centenas, milhares e milhões de cruzes individuais.** O agravamento da primeira tem efeito negativo sobre as segundas. A cruz de cada pessoa, embora única, singular e irrepetível, espelha uma parte do todo. De outro lado, a cruz coletiva pesa diversamente sobre os ombros dos indivíduos e famílias. Numa paróquia, comunidade ou diocese, não é difícil ver pessoas e grupos que só preocupam com os problemas familiares e particulares, enquanto outros voltam-se unicamente para os dramas econômicos, sociais ou políticos. Essa dicotomia costuma rimar com miopia e, pior ainda, com esquizofrenia.



***A visão generalizada da floresta, embora importante, não pode impedir uma identificação mais séria e profunda de cada espécie de planta.***

Daí a importância de uma noção abrangente, sem perder de vista o sofrimento oculto no interior das famílias ou relegados à condição de “insignificantes”. O Papa Francisco tem muito a dizer sobre isso. Ademais de uma visão vasta sobre a realidade socioeconômica e político-cultural, viaja às fronteiras onde se encontram os migrantes, acolhe em casa algumas famílias de refugiados, celebra o Natal com um grupo em situação de rua, lava os pés dos encarcerados, responde a telefonemas e cartas de pessoas particulares que recorrem à sua ajuda e proteção, liga pessoalmente para alguém em apuros ou visita as aldeias golpeadas pelo terremoto!...

## A prática de Jesus

As palavras, gestos e ações de Jesus traduzem emblematicamente essa integração entre cruz coletiva e cruz pessoal. Percorrendo as páginas dos quatro evangelhos, tropeçamos com diversos coletivos, tais como: “vendo as multidões cansadas e abatidas, Jesus teve compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36); “Jesus ergueu os olhos e viu uma grande multidão que vinha ao seu encontro (...). Onde vamos comprar pão pra eles comerem?” (Jo 5,5); “O Espírito do Senhor me consagrou (...) para anunciar a Boa Notícia aos pobres (...), enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para libertar os oprimidos” (Lc 4,18); “eu não vim para chamar os justos, e sim os pecadores (Mc 2,17).



***Vendo as multidões cansadas e abatidas, Jesus teve compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor!***



Ao mesmo tempo, porém, a caravana de Jesus jamais atropela uma dor, ainda que esta seja única e individual. Jamais ignora um grito de sofrimento ou pedido de socorro. Ele sempre se detém quando determinado doente, pecador, leproso, estrangeiro, cobrador de impostos ou marginalizado o chama. Após ver, ouvir, às vezes tocar e depois curar, vem o refrão de sempre: “a tua fé te salvou”! Quem quer que esteja desesperadamente à sua procura daquele profeta itinerante de Nazaré, como “a mulher que há doze anos sofria de hemorragia” (Mc 5,25), ou ainda aquela outra que “os doutores da lei e os fariseus traziam”, acusando-a porque “que tinha sido pega cometendo adultério” (Jo 8,3), jamais encontrará a porta fechada. “Alguém me tocou”, diz o Messias à primeira, com grande dose de ternura e solidariedade; “eu também não te condeno”, conclui com outra dose de compaixão ao perdoar a segunda.

Em ambos os casos, Jesus segue uma prática bem precisa: coloca em cena, no centro do palco, a pessoa perseguida e marginalizada. É o que o Papa Francisco vem fazendo com os pobres em suas mais diversas feições. Resgatado de volta à vida e à convivência da sociedade, o pobre poderá doravante caminhar com as próprias forças. Com a dignidade recuperada, tem condições de recomeçar a própria vida sob nova perspectiva. Inúmeros e recorrentes serão os beneficiários do peregrinar do Senhor sobre a face da terra: os dez leprosos curados, o cego de nascença e os endemoniados; a cura da filha do centurião e a ressurreição do filho da viúva; a conversão do rico Zaqueu e o chamado de Mateus; o encontro com a mulher sírio-fenícia, com a samaritana e com Maria Madalena. E não termina aí a procissão de rostos feridos!... Quantos outros testemunhos!

Em todos, a cruz individual e a cruz coletiva se cruzam e se interpelam mutuamente. A multidão cansada e faminta, a mulher encurvada e o amigo Lázaro, junto com Marta e Maria, merecem a mesma atenção. Convém nos debruçarmos rapidamente sobre dois exemplos paradigmáticos. O primeiro refere-se às bem-aventuranças, naquilo que se convencionou chamar o “sermão da montanha”. Destaca a *cruz coletiva*: “Felizes os pobres... os aflitos... os mansos... os que têm fome e sede de justiça... os misericordiosos... os puros de coração... os que promovem a paz... os que são perseguidos...” (Mt 5, 1-12). O segundo vem do episódio relacionado ao bom samaritano, e que confere prioridade à *cruz individual* (Lc 10, 25-37). Se o homem assaltado pelos ladrões e caído à beira da estrada pode personificar, hoje para nós, os milhões de rostos abatidos, particulares e desfigurados: do pobre, do sem-terra, do sem-teto, do sem-trabalho, do migrante ou refugiado, do doente e indefeso, do descartável ou invisível, ou as “feições do Cristo sofredor”, como lembra o documento de Puebla (Doc. Puebla, n. 30-39) – **já o bom samaritano, por sua vez, representa os movimentos e pastorais sociais, as entidades solidárias, as organizações não governamentais!...**

## Conclusão

A Jornada Mundial dos Pobres (JMP), proposta pelo Papa Francisco, a ser celebrada no dia 14 de novembro de 2021, consiste em um retorno real e verdadeiro ao Evangelho. Ao resgatar uma cidadania justa e a dignidade do pobre, a iniciativa resgata igualmente a prática de Jesus. O olhar compassivo do Bom Pastor, revelação da misericórdia do Pai, detém-se sobre a face dos crucificados. Crucificados na cruz da violência, da pobreza, da pandemia e do desgoverno. A solicitude pastoral da Igreja, como lembra seu ensinamento social, deve ter como fio condutor e linha mestra a defesa dos direitos e da dignidade da pessoa humana. Mas deve priorizar aqueles cuja vida encontra-se mais ameaçada, seja do ponto de vista coletivo, seja do ponto de vista individual/familiar.

O lema da JMP – “sempre tereis pobres entre vós” – nos remete justamente ao relato do evangelista Marcos. Este retrata a estupefação dos discípulos diante da empatia de Jesus pela mulher que toma um vaso de perfume e derrama sobre a cabeça de Jesus. Se é certo que os pobres devem ser socorridos através da solidariedade, Jesus alerta para o fato de que Ele mesmo é a Boa Nova que os resgata da condição de opressão e miséria. Ou seja, é preciso assegurar não tanto o socorro imediato e emergencial a quem se encontra na necessidade, mas sobretudo, garantir verdadeiras políticas públicas estruturais no sentido de combater a concentração de renda, a exclusão social e a pobreza.

**\*Padre Alfredinho** é vice-presidente do  
Serviço Pastoral dos Migrantes





## **VAMOS CONVERSAR?**

**1. Na opção evangélica preferencial pelos empobrecidos/as, que caminho escolhemos para transformar a realidade difícil que atravessamos?**

**2. Padre Afredinho nos fala da cruz individual e da cruz coletiva.**

**O que estas cruzes nos interpelam?**





# TEMPO PARA FAZER



*Não podemos ficar à espera que batam à nossa porta; é urgente agir pelos menos favorecidos, não desrespeitando as medidas sanitárias impostas. É importante compreender como se sentem, o que passam e quais os desejos eminentes que trazem no coração”.*

**Andrea Perotti, Igor Ferrer e Luise Villares\***

O papa Francisco, através de sua chamada à construção da Jornada Mundial dos Pobres, nos convida a refletir sobre as seguintes questões: Qual caminho de justiça é necessário percorrer para que as desigualdades sociais possam ser superadas e seja restituída aos pobres sua dignidade humana tão frequentemente espezinhada? Como se pode dar uma resposta palpável aos milhões de pobres que tantas vezes, como resposta, só encontram a indiferença, quando não a aversão?

O desprezo à vida das pessoas e à democracia se revelou nos últimos anos. Vimos aflorar inúmeras atitudes recorrentes à violência autoritária, às violações de direitos, à repressão das liberdades individuais, à contenção dos gastos sociais e à falta de incentivos em políticas públicas primárias. A suspensão de alguns princípios democráticos aflorou o projeto de espolia-

ção profunda do Estado, projeto este que passou pelo fim do debate democrático sobre o orçamento, cristalizado na Emenda Constitucional 95, que congelou os gastos públicos por 20 anos. Mais conhecida como Teto dos Gastos, a EC 95 foi o elemento central na destruição da capacidade do Estado em manter o seu funcionamento básico no que tange o fornecimento de bens e serviços.

Como forma de marcar os primeiros 100 dias de governo Bolsonaro, foi assinado o Decreto Presidencial 9.759/2019 que teve como objetivo extinguir e estabelecer severos limites ao funcionamento de colegiados nacionais de gestão de políticas públicas, resultando na extinção ou fragilização de inúmeros conselhos de participação social. Junto com os conselhos, **sistemas políticos inteiros foram esvaziados, perderam financiamentos, programas e equipes desmontadas, funções enfraquecidas e/ou transferidas para órgãos anômalos.** Podemos citar, neste contexto, a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, a Política Nacional de Economia Popular e Solidária e a Política Nacional de Habitação de Interesse Social.

## Redução de direitos

Esta agenda ultraliberal segue sendo imposta a partir da flexibilização da legislação ambiental, da privatização das empresas públicas e estratégicas, a exemplo da Petrobrás e da Eletrobrás, e a partir da tentativa de implementação de uma reforma tributária que não discuta a criação de um sistema tributário justo e progressivo, que busque sanar desigualdades históricas e que permita maior redistribuição e circulação da renda.

Este cenário de redução de direitos é ainda mais preocupante quando olhamos para os povos e comunidades tradicionais, mulheres, populações negras, migrantes, população em situação de rua, dentre outros que compõem as chamadas maiorias minorizadas. Neste contexto de luta por direitos, assistimos ao acampamento Levante pela Terra, no qual as comu-

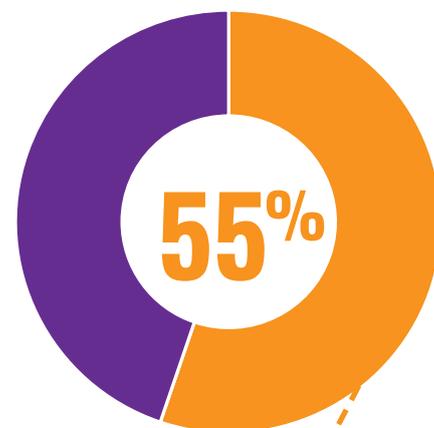
nidades indígenas fizeram resistência ao PL 490/07, que buscava alterar o marco temporal para as demarcações. Lidamos diariamente com a situação de extrema vulnerabilidade de migrantes e refugiados venezuelanos que chegam ao Brasil, e, a partir da indocumentação, tem seus direitos básicos violados e suas vidas e integridade físicas em risco. Já as populações do campo, sofrem com a paralisação da política de reforma agrária e a drástica redução de terras destinadas à mesma.

## Os impactos da pandemia

A pandemia causada pelo novo coronavírus trouxe impactos globais sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos profundos, que ainda não temos condição de avaliar sua dimensão. Neste contexto, o desemprego aumentou, os preços subiram e a fome explodiu. São mais de 19 milhões de brasileiros passando fome, segundo a última pesquisa da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN). Em 2018, eram 10,3 milhões de pessoas. A perda de poder aquisitivo deixou, ainda, mais da metade do Brasil sem acesso pleno e permanente aos alimentos. São 116 milhões de brasileiros (55,2% da população) que não, necessariamente, comem três refeições por dia, configurando um grave quadro de insegurança alimentar. Segundo levantamento realizado pela Oxfam, em julho de 2021, o número de pessoas que morrem de fome está ultrapassando o das vítimas da Covid-19.



**19 milhões**  
de brasileiros  
passando fome



**116 milhões**  
de brasileiros sofrem  
de Insegurança  
alimentar.

Contudo, a fome não tem afetado a todos da mesma forma. Populações negras, mulheres, pessoas que vivem em áreas rurais e indígenas são os que mais têm sofrido os impactos e consequências da pandemia. No final de 2020, **11% das famílias chefiadas por mulheres conviviam com a fome, enquanto mais de 10% das famílias negras enfrentavam o problema, em comparação com mais de 7% das famílias brancas. Além disso, 12% das famílias rurais passavam fome, em comparação com mais de 8% das famílias urbanas.** Com isso, são recorrentes cenas como a fila para doação de ossos, que ganhou destaque em Cuiabá.

Segundo levantamento realizado pela Fundação Getúlio Vargas a pobreza no Brasil triplicou. O número de pobres saltou de 9,5 milhões em agosto de 2020 para mais de 27 milhões em fevereiro de 2021. De acordo com a FGV Social, a paralisação da economia somada à interrupção do primeiro auxílio emergencial levou milhões de brasileiros e brasileiras à miséria. Em 2019, o Brasil tinha cerca de 24 milhões de pessoas, 11% da população, vivendo com menos de R\$246 por mês, em situação de extrema pobreza. Atualmente a cifra subiu para 35 milhões, 16% da população, de acordo com o estudo, que utilizou os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE).

## Desemprego

No último ano, explodiu, também, o número de pessoas que perderam seu emprego. De acordo com o Dieese, o ano de 2020 fechou com mais de 14 milhões de desempregados, 5,9 milhões de desalentados e 33,5 milhões de trabalhadores informais. Para piorar a situação, a alta de preços nos alimentos dificultou a vida de quem mais precisa. Enquanto a população perde suas fontes de rendimento, empobrece e passa fome, o Brasil divulga para o mundo a ascensão de 11 novos bilionários que, em 2020, entraram para o seleto grupo dos mais ricos do mundo da revista Forbes.

O aumento da pobreza e da extrema pobreza no Brasil reproduz as desigualdades raciais e de gênero. Um estudo publicado pelo Made - USP (Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades da FEA-USP) demonstra como os efeitos da pandemia se manifestam de diferentes formas, entre os diferentes grupos, a partir dos impactos produzidos pelo auxílio emergencial. Os dados apontam que quando a taxa de extrema pobreza e de pobreza aumentam amplia o hiato destas variáveis para as mulheres negras em relação aos outros grupos.

Os resultados mostram que o auxílio emergencial em 2021 não trará a mesma proteção social contra a perda da renda que trouxe em 2020: com a implementação desta versão reduzida do benefício, a pobreza ficará 4,1 pontos percentuais acima dos níveis pré-crise e a extrema pobreza, 2,5, o que representa um total de novos 5,4 e 9,1 milhões de brasileiros que passam a viver em situação de pobreza e extrema pobreza, respectivamente.

Antes da pandemia, a pobreza atingia 33% das mulheres negras, 32% dos homens negros e 15% das mulheres brancas e dos homens brancos. Mantendo o auxílio emergencial nos parâmetros de 2021 a pobreza será elevada a 38% das mulheres negras, 36% dos homens negros, 19% das mulheres brancas e também 19% dos homens brancos.

Por sua vez, a taxa de extrema pobreza, antes da crise, era de 9,2% entre mulheres negras, 8,9% entre homens negros, 3,5% entre mulheres brancas



**14  
milhões**  
de desempregados

**33,5  
milhões**  
Trabalhadores  
informais



e 3,4% entre homens brancos. Sendo assim, vemos que com o auxílio emergencial nos valores de 2021, a pobreza extrema continua muito acima dos percentuais verificados antes da crise: respectivamente 12,3% das mulheres negras, 11,6% dos homens negros, 5,6% das mulheres brancas e 5,5% dos homens brancos. O Made - USP defende a implementação de auxílios estaduais e municipais que possam compensar o baixo valor do auxílio federal de 2021.

## Justiça social

Diante deste contexto de absoluto abandono e desproteção, retomamos às reflexões propostas pelo papa Francisco, que nos chama a dar respostas concretas ao povo que padece do vírus, do desemprego, da pobreza e da fome que atinge de maneira dramática tantas famílias. Precisamos construir ações conjuntas no combate à pandemia e seus efeitos, partindo do princípio da solidariedade social e da generosidade, juntamente com projetos conscientes da situação que se encontram os pobres, partilhando a promoção humana e a construção de um país mais justo.

Com o auxílio da fé precisamos encarar as limitações do mundo concreto. Mensurar quais resultados são possíveis no curto prazo e qual o melhor caminho para obter grandes mudanças no longo prazo. Precisamos construir uma sociedade que supere todos os tipos de opressões e esperar, em Deus, mas tendo atitude de mudança. O Papa Francisco nos lembra que é necessário entender as necessidades concretas dos pobres e suas motivações imediatas. Por isso, é fundamental compreendermos que só a motivação não basta, é necessário traçar o caminho da fé para alcançarmos alguns resultados concretos para a vida da maioria. No momento em que vivemos, as possibilidades para os pobres estão cada vez mais restritas, pois estão mergulhados em um mar turbulento do dia a dia de um trabalhador, no geral informal, que coloca os pés todos os dias no mundo para tentar trazer o

pão para sua casa e sem saber se terá êxito. No dia seguinte começa tudo de novo, limitando suas aspirações e realizações.

Como nos alerta o papa Francisco, não podemos ficar à espera que batam à nossa porta; é urgente agir pelos menos favorecidos, não desrespeitando as medidas sanitárias impostas. É importante compreender como se sentem, o que passam e quais os desejos eminentes que trazem no coração.



\*Andrea Perotti, Igor Ferrer e Luise Villares  
são assessores da Cáritas Brasileira



# AÇÕES TRANSFORMADORAS



## Ação Solidária Emergencial É Tempo de Cuidar

A Ação Solidária Emergencial da Igreja no Brasil, que tem o slogan É tempo de cuidar, é uma convocação para que se multipliquem os gestos solidários nas comunidades, nos setores da indústria e do comércio e nas famílias; todos sensíveis às situações de extrema vulnerabilidade em que se encontra grande parcela da população brasileira, como as pessoas em situação de rua, migrantes e refugiados, as que vivem em moradias precárias, além dos desempregados/as e trabalhadores/as informais, que neste momento tem suas fontes de renda fortemente afetadas. A ação é mobilizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Cáritas Brasileira em parceria com diversas instituições que assumiram a Campanha.



## 6ª Semana Social Brasileira

As Semanas Sociais Brasileiras são uma convocação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora. É realizada de forma coletiva

com as Pastorais Sociais, Igrejas Cristãs, Movimentos Populares, Associações, Sindicatos, e Entidades de Ensino, na pluralidade cultural, étnica e religiosa do Brasil.

Desde 2020, a 6ªSSB tem mobilizado articulações, formações e fortalecimento dos processos organizacionais através das equipes nos territórios. O Mutirão pela Vida: Por Terra, Teto e Trabalho, tema da 6ªSSB, segue até 2023 refletindo e apontando caminhos para a construção do “Brasil que queremos: O bem viver dos povos”.

## Pacto pela vida e pelo Brasil

### Pacto pela Vida e pelo Brasil

Diante da grave crise sanitária, econômica, social e política, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns (Comissão Arns), a Academia Brasileira de Ciências (ABC), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em abril de 2020, lançaram o *Pacto pela Vida e pelo Brasil*.

“O momento que estamos enfrentando clama pela união de toda a sociedade brasileira[...]. O desafio é imenso: a humanidade está sendo colocada à prova. A vida humana está em risco”, convoca o documento de lançamento do Pacto.

Com isso, o Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB) instituiu um grupo de trabalho (GT) para colaborar com a CNBB e as demais entidades que assinam o Pacto pela Vida e pelo Brasil, como o objetivo de mobilizar os cristãos leigos e leigas e a sociedade brasileira na busca de soluções imediatas, a curto e médio prazo para o enfrentamento da crise social e humanitária que se instalou em nosso país.



## VAMOS CONVERSAR?

Esta crise terá que nos levar a recuperar o sentido de pertencimento, de regeneração de vínculos e de confiança. Segundo o Papa: “Não podemos deixar passar este esclarecedor momento. Não permitamos que nos digam que, frente a crise da Covid-19, nada fizemos para restaurar a dignidade de nossos povos, para recuperar a memória e recordar nossas raízes”. Este é um tempo propício de ação concreta. É um tempo para salvar, reparar e restaurar a ética da fraternidade. “Só o rosto do outro é capaz de despertar o melhor de nosso interior. Ao servir ao povo, nos salvamos a nós mesmos. Para sair melhores desta crise é necessário que recuperemos o saber de que temos um destino comum como povo. A pandemia nos recorda que nada pode salvar-se sozinho”.

**1. Quais ações de solidariedade transformadora podem ser fortalecidas?**

**2. O que precisamos e podemos fazer na Jornada Mundial dos Pobres?**



**RETORNAR PARA O SUMÁRIO**

# CALENDÁRIO DE AÇÕES NACIONAIS DA JMP2021



14

setembro

Lançamento da *V Jornada Mundial dos Pobres*

**Horário:** Às 10h

**Onde:** Redes Sociais CNBB e entidades parceiras

14

Outubro

Seminário Nacional de formação JMP2021

**Horário:** Das 9h30 às 12h30

**Onde:** Plataforma Zoom, participação mediante inscrição

7

a

14

Novembro

Semana Nacional do gesto concreto da JMP 2021

O convite é fortalecer as ações transformadora em curso

- ✓ Ação Solidária Emergencial É Tempo de Cuidar
- ✓ 6ª Semana Social Brasileira
- ✓ Pacto pela Vida e pelo Brasil
- ✓ Com respeito às medidas sanitárias impostas, devido à covid-19, ir ao encontro dos empobrecidos. Escutar, acolher, compreender como se sentem, o que passam e quais os desejos eminentes que trazem no coração.

13

Novembro

**13 de novembro** – Celebração Eucarística

**Horário:** Às 7h

**Onde:** Capela Nossa Senhora Aparecida, na sede da CNBB, em Brasília (DF) transmitida ao vivo pelas Tvs Católicas

14

Novembro

**14 de novembro** – Dia Mundial dos Pobres

Lançamento do Manifesto pela Vida

RETORNAR PARA O SUMÁRIO 



# Jornada Mundial dos Pobres



SMH



CNLB



PASTORAL  
CARCERÁRIA



BRASIL



PASTORAL  
DO POVO DA RUA



Pastoral Operária



CÁRITAS  
BRASILEIRA



SSB



CRB NACIONAL  
Conferência dos Religiosos do Brasil



Serviço Pastoral dos Migrantes  
Formação - Incidência - Articulação



PMM



Conselho Pastoral dos Pescadores



SIGNIS  
BRASIL



CNBB